

Resumo Neste artigo apresenta-se Maria de Lourdes Pintasilgo em termos do seu carácter e características pessoais, sendo valorizado o seu pensamento como feminista e mulher de intervenção com o mundo, possuidora de uma profunda crença na igualdade entre mulheres e homens.

Às vezes a história vai ao encontro de nossos desejos. Isto só acontece quando nossos desejos vão ao encontro das potencialidades da história. Minha geração sonhou como modelo uma mulher independente, autônoma, capaz de exercer o poder – até então monopólio dos homens – com a ternura e a generosidade que tivesse herdado da cultura feminina. A história nos deu como contemporânea Maria de Lourdes Pintasilgo. E é no momento em que a perdemos que nos damos conta do vazio histórico que deixa sua morte, tão doloroso quanto o vazio biográfico de que sofrem agora seus amigos.

Maria de Lourdes disse-me uma vez: «A revolução das mulheres será inédita e subversiva». Fazia uma citação de nosso amigo comum Paulo Freire, que descrevia como inédito e viável um mundo sem oprimidos, com que ele sonhava e pelo qual lutava. Maria de Lourdes sonhava com a igualdade entre homens e mulheres, inédita e subversiva. Assim era também seu pensamento, inédito, inovador, desbravador de caminhos, e subversivo, sempre subversivo, porque movido a esperança, não conhecendo, portanto, o conformismo.

A revolução das mulheres foi um momento maior do século XX, talvez o único que tenha significado um salto na história humana da natureza, na aventura de nossa espécie, a quebra de um paradigma milenar. A história do movimento de mulheres, que protagonizou essa revolução, ainda está por escrever, talvez porque a contemporaneidade com os fatos históricos banalize seu porte, talvez porque as próprias mulheres, recém-chegadas ao universo do poder e do saber, ainda não tenham assumido integralmente a autoria do feminino, tornando-se capazes de contar sua própria história. Mas quando essa história se escrever, e essas notas quiserem para isso colaborar, então se encontrará Pintasilgo na linha de frente dessa revolução que para além das grandes estruturas sociais que abalou, atingiu os corações e mentes. E que, ao longo de todo o século passado, inaugurou um inédito padrão nas relações humanas e tentou – e continua tentando – tornar viável um mundo mais civilizado.

Seria inútil seguir os passos de Maria de Lourdes, que palmilhou o mundo, *la femme à la valise*, como ela mesma se descrevia. Deu incansavelmente a volta da

sua prisão, como sugere Marguerite Yourcenar, movida pela mesma ânsia de conhecimento, curiosidade pelos mundos que exprimem as culturas, pela maravilha da diversidade humana cujo denominador comum é o espírito, matéria-prima de um projeto do que, um dia, se chamará legitimamente Humanidade.

Maria de Lourdes, a cada dia e com consciência lúcida sobre a grandeza da tarefa que se impunha, fez do planeta sua pátria e sua casa, e nessa trajetória forjou um pensamento global, longe das mesquinhas e limitações das fronteiras. Sua itinerância foi a metáfora de um espírito inquieto que assumiu todos os riscos de seu tempo. De todas essas aventuras a maior terá sido, abrindo caminho para todas nós, a travessia dos inexplorados territórios do Feminino.

Uma engenheira química nos anos 50 não era coisa banal. Uma mulher primeiro-ministro, um insolente desafio à ordem masculina. Poder-se-ia imaginar alguém movido pela obsessão da igualdade, disposta a provar que as mulheres poderiam ser exatamente como os homens. Se assim fosse, não teria sido senão mais uma, elo de uma corrente de pensamento e ação que marcou sua geração e cujo emblema foi Simone de Beauvoir. Mas não era, era muito mais, via mais longe, porque estava na frente.

Havia na procura de Maria de Lourdes algo de muito mais subversivo. Não lhe interessava tanto que as mulheres pudessem ser como os homens e, sim, que pudessem, enfim, ser como as mulheres. Não aquele feminino inventado pelos homens *in absentia* das mulheres mas um outro, uma construção histórica, que só seria possível se as mulheres se recusassem doravante a ser apenas o avesso, o contrário ou, pior, a imitação dos homens.

Em 1992, mais de mil mulheres vindas do mundo inteiro aplaudiram de pé, no Planeta Fêmea, evento das mulheres na ECO-92, uma mulher vibrante rubra de calor, um calor de 40 graus, inesperado no inverno do Rio de Janeiro, que, com enorme energia abriu seu discurso afirmando:

Começo lhes dizendo que não estou nada interessada em que as mulheres façam aquilo que os homens fizeram durante séculos e milênios. O que me interessa, e é a minha tentativa, é procurar como as mulheres podem, de maneira original, dar um contributo para que vivamos uma história de dimensão humana e global. Estamos no início de uma nova era. Não há dúvida de que a Conferência do Rio deve levar a nós mulheres a uma percepção de que esta era se pode começar.

Esta frase mudou o eixo do movimento de mulheres, daquelas mulheres que ouviram na sua conclamação uma leitura da história em que entrávamos, não como repetição do mesmo, mas como ruptura, aceno do viável, proposta de um projeto inédito.

Abria-se para o movimento de mulheres um horizonte novo. Nos anos que se seguiram Maria de Lourdes e outras feministas, nas quais me incluo pois tive o privilégio de pensar com ela e juntas agirmos nas instâncias que para nós se abriram, deram-se por tarefa promover a emergência do feminino na cultura e na política.

Ficava para trás o tempo das damas de ferro, das mulheres cuja legitimidade provinha dos defeitos dos homens, e começava a tentativa em que estivemos até a sua morte empenhadas, a de descobrir um estar na política e na cultura que traga um frescor, uma nova maneira de enfocar e resolver os problemas globais. Pois essa foi a grande mudança que emergiu do Planeta Fêmea, o deslocamento do eixo do movimento de mulheres que já não se debruçava apenas sobre os problemas das mulheres mas, encarando o mundo como problema, tratava-o do ponto de vista das mulheres.

Maria de Lourdes vinha de formular todo um programa para o papel das mulheres na história, a defesa da ordem da vida.

Todas vivemos a era da chamada guerra fria: foi a ordem da força, do poder, do mais forte. Passamos, com a queda do comunismo, da ordem da força à ordem do dinheiro. Eu creio que as mulheres podem contribuir para ultrapassar o que ainda resta da ordem da força, o que está a emergir cada vez com mais poder como a ordem do dinheiro, e construir o que eu chamaria a ordem da vida. E neste sentido, o nexo de sobrevivência é o aspecto mais importante da tarefa que temos diante de nós. Isto significa abandonar em nossos comportamentos individuais e coletivos toda e qualquer forma de submissão ao star system, de submissão aos mais poderosos. Significa encontrarmos dentro de nós, da nossa própria humanidade, o que cremos e o que podemos fazer em nossa própria duração histórica, e, humildemente e com sabedoria, fazê-lo entrar na História. Então, sim, as mulheres poderão criar uma nova era e será a ordem da vida.

Outra não foi a perspectiva de Pintasilgo ao assumir a presidência da Comissão Independente sobre População e Qualidade de Vida.

A Comissão tinha sob o seu mandato um dos mais graves problemas da contemporaneidade, dos mais delicados, pois nele estão envolvidas questões de vida, morte, liberdade e responsabilidade.

Ainda aqui, como no Planeta Fêmea, primou a visão inovadora. «Cuidar o futuro», título do relatório final da Comissão, resume todo um programa civilizatório, herança de uma cultura do acolhimento e do cuidado. Equilíbrio ambiental, populacional e distribuição de renda mundial, este o tripé necessário para cuidar do futuro. Mas mais que tudo, aumentar o poder das mulheres, arrancá-las da miséria que é a parte que lhes cabe na escandalosa desigualdade do mundo. Miséria econômica mas também miséria social, desvalorização, marginalidade, impotência.

Talvez só uma mulher tivesse a audácia de colocar no centro do debate mundial sobre população a liberdade e o poder das mulheres. Lá onde a demografia se contentava com estatísticas, um olhar para além dos números, uma leitura que dava a ver a centralidade das mulheres, desenha uma estratégia nova. Uma vez mais trata-se de declarar que as mulheres existem.

Maria de Lourdes compreendeu muito cedo que o ideário que defendia exigia da biografia a prova de sua validade.

Em toda sua vida política, seja pelo exemplo, fazendo-se existir no marco de uma diferença inegociável, seja pelas construções teóricas, coube a ela o papel pioneiro de fazer reconhecer a existência das mulheres, de contribuir ao que foi a grande descoberta do século vinte: que a humanidade é feita de dois sexos e não apenas de um.

Vivendo em um mundo que encapsulava no masculino a espécie humana, assumindo responsabilidades no pensar o futuro da Humanidade e agindo em consequência, identificou no debate sobre população o ponto nevrálgico.

A questão política central é clara: os estados membros das Nações Unidas e, para além deles, as mais diversas sociedades no mundo inteiro, estarão prontos a admitir que as mulheres sejam sujeitos de suas próprias vidas?

Essa questão, límpida, foi por ela levantada entre nós, membros de um grupo que criamos juntas, *Terra Femina*, e que congregava, entre outras, Antoinette Fouque e Teresa Santa Clara Gomes. *Terra Femina* foi o instrumento da nossa inquietação. Através dele falamos nas conferências da Agenda Global das Nações Unidas e, se o criamos, foi porque acreditávamos fundamentalmente na força da sociedade. Afeita à convivência das lideranças mundiais, membro do *Interaction Council*, fórum de ex-chefes de estado e de governo, Maria de Lourdes sabia que o pulso do mundo se toma na escuta das ruas, junto à gente comum, a opinião pública, lá onde a vida real se impõe para além das ideologias, dos interesses políticos e dos discursos.

Terra Femina não era senão uma associação de pessoas, mas pessoas cuja vida estava totalmente embebida na luta política de nosso tempo e, em particular, a causa das mulheres como condição *sine qua non* da democracia. O que nos autorizava, acreditávamos, a intervir nos processos globais de tomada de decisão. Porque Maria de Lourdes sabia que são raras as democracias e que é a zona de sombra em que habita o feminino que as faz, assim, inconclusas.

Maria de Lourdes foi minha inspiradora, mestra, interlocutora e amiga. Ao longo de trinta anos partilhámos intensos momentos de troca intelectual, de cumplicidade nas ações políticas em que ela me ajudou a enfrentar a complexidade do mundo. Partilhámos o desafio das viagens, as assembleias mundiais, o entusiasmo do engajamento. Muito falamos de Deus, indiscutível presença em sua vida.

Partilhámos as alegrias da amizade, nos pequenos almoços que se estendiam por toda a manhã, na varanda de minha casa brasileira, regando a conversa infundável que, em décadas, não só não se esgotou mas renovou-se a cada encontro. Partilhámos também as dores, como foi a dor indizível de perdermos Teresa Santa Clara Gomes.

Em todos esses momentos eu soube que para além do imenso carinho, era um privilégio a convivência próxima com essa mulher que foi uma das mais expressivas e dignas personalidades do século XX. Quisera que a posteridade

honre sua memória como ela bem merece. Que lhe seja reconhecido o papel histórico que foi o seu e que lhe seja infinitamente grata a gente feminina.

Uma amiga portuguesa teve a sensibilidade de entregar-me uma carta que ela me escrevera, provavelmente pouco tempo antes de sua morte e que não chegou a enviar-me. Era um consolo ao meu luto por uma pessoa querida. Dizia, citando Fernando Pessoa, que as pessoas não morrem, que morrer é apenas não ser visto. Repito a mim mesma essas palavras agora que já não posso vê-la.

Rosiska Darcy de Oliveira é professora do Departamento de Letras da PUC-Rio. É feminista, carioca, escritora e conferencista de renome internacional. Fundadora e Directora-Executiva do Instituto de Acção Cultural (IDAC). Coordenadora e consultora da coordenação de projectos. Fundadora e Professora do Departamento de Estudos da Mulher, da Universidade de Genebra.